

GÊNERO? ¹

John W. Martin

A cada ano difunde-se mais no Brasil o estudo da Lingüística. Poucas são, porém, as repercussões deste fato no ensino da língua pátria. Conclui-se: ou a Lingüística tem poucas possibilidades de traduzir-se em efeitos práticos, ou há uma grande e lamentável falta de comunicação entre, por um lado, os teóricos desta matéria e, por outro, os encarregados do ensino do português nas escolas. Pretendo, no que se segue, demonstrar que a primeira destas alternativas é falsa e, ao mesmo tempo, oferecer uma pequena contribuição para a aplicação do pensamento lingüístico a uma melhor formulação da gramática da língua portuguesa.

É tradicional exigir-se dos alunos das escolas primárias e secundárias algum domínio de conceitos gramaticais, de modo que, além de poderem se expressar na “língua padrão” (seja qual for a definição desta), os aprovandos nos vestibulares e outros testes devem lidar com conceitos como “sujeito”, “objeto direto”, “objeto indireto”, “concordância verbal”, etc. Sem negar que o estudo da gramática seja útil aos alunos, acho evidente que pelo menos o professor da língua portuguesa deveria possuir conhecimentos coerentes a respeito da gramática que subjaz, embora só implicitamente, a seus pronunciamentos acerca do uso da língua. Se aos alunos se aplicar a mesma exigência, tanto mais importante será que os manuais de gramática por eles consultados sejam também coerentes na teoria que apresentam.

Entre as mais corriqueiras das noções gramaticais conta-se a de gênero. De acordo com as gramáticas escolares, o português possui dois gêneros, que são o masculino e o feminino (ao que acresce que os pronomes demonstrativos acusam, também, um paradigma dito “neutro”). Pareceria ocioso contestar “fatos” tão simples, mas acontece que eles estão em conflito radical com as evidências fornecidas pela própria língua. No que segue, porei em relevo este conflito, e oferecerei uma alternativa à noção de gênero numa gramática coerente da língua portuguesa.

Se não fosse o fenômeno da concordância, não haveria por que falar em gênero para descrever adequadamente a língua. Mesa, por exemplo, “é feminino” justamente porque exige que certos outros elementos, quais sejam artigos e adjetivos, apareçam em formas também ditas “femininas”. Mas, se todo substantivo aceitasse somente os artigos um, uns; o, os; e os adjetivos bom, bons; largo, largos, etc., não haveria concordância genérica e, portanto não haveria gênero. E o mesmo aconteceria se todo substantivo aceitasse uma, umas; a, as; boa, boas; larga, largas, etc.: tais substantivos, na falta de outros que exigissem um, uns, etc., não seriam “femininos”, mas simplesmente “singulares” ou “plurais”. Em português, porém, como todo mundo sabe, há dois grandes grupos de substantivos, um deles exemplificável por fogão, espírito, menino, e o outro por mesa, verdade, menina. É destes dois grupos que tomam seu gênero os artigos e os adjetivos.

Segue-se, neste modo de ver as coisas, que cheio é um adjetivo masculino:

(1) O pé está cheio de limão.

Isto é, cheio concorda, aqui, com pé, que também “é masculino”. Exemplifica-se em (1), então, a regra que diz, em sua essência, que o adjetivo predicativo concorda em gênero (e em número) com o substantivo do predicado. Ora, também em

(2) Um sorvete seria ótimo

dir-se-ia, acredito, que ótimo é do gênero masculino, por força duma suposta concordância com sorvete. Mas, se isto fosse verdade, como explicar a forma ótimo em

(3) Uma cerveja seria ótimo,

onde deveríamos poder aplicar a mesma lógica que em (2)? E em

¹ Publicação original: *Revista Brasileira de Lingüística* 2, p. 3-8, 1975.

(4) Está cheio de limão no pé,

com que substantivo podemos relacionar cheio para justificar chamarmo-lo “masculino”? Ninguém, seguramente, se atreveria a relacioná-lo com pé neste exemplo, nem com limão, pois ambos estes substantivos são objetos de preposição, e não sujeitos de predicado. Mas, se alguém teimar, remitamo-lo a

(5) Está cheio de crianças na praia,

onde cheio permanece indiferente à “femininidade” dos substantivos.

Ao compararmos (4) com (1), vemos que os dois exemplos representam um só significado, e que a parte que em (1) aparece como sujeito surge em (4) depois da preposição em, deixando esta oração órfã de sujeito. É óbvio que o mesmo acontece em (5), e que em ambas estas últimas orações cheio não tem substantivo com que possa concordar. Este fato nos sugere que talvez aconteça o mesmo com ótimo em (2) e (3). Com efeito, que é que, de acordo com (3), seria ótimo? Para responder a esta pergunta, vemo-nos forçados a imaginar um contexto em que possamos situar essa oração. Ela poderia, por exemplo, ser resposta à pergunta “Que podemos usar para apagar incêndio no cesto de papéis?” ou ainda “Que que vocês vão tomar?” Conforme o contexto, então, (2) seria uma forma abreviada de

(6) Usarmos uma cerveja para apagar o incêndio no cesto de papéis seria ótimo

ou de

(7) Tomarmos uma cerveja seria ótimo.

Em (3), pois, uma cerveja é simplesmente a parte do sujeito de seria ótimo que sobreviveu a um processo abreviatório, e representa o objeto de usarmos ou de tomarmos de (6) ou (7). Isto é, em (3) uma cerveja não é o sujeito de seria ótimo; é o objeto dum verbo que, ao ser omitido, fica “subentendido” por força do contexto. O mesmo vale, é claro, para sorvete em (2). Ora, teríamos que ultrapassar os limites da gramática escolar, se quiséssemos chamar de “masculinas” construções como usarmos uma cerveja para apagar o incêndio no cesto de papéis ou tomarmos uma cerveja, mas é óbvio que é mesmo com elas, ou com outras que as valha, que ótimo concorda em (3), (6) e (7). Com efeito, o sujeito do predicado nestes três exemplos, e em (2), não é um substantivo. E recordando que é dos substantivos que supúnhamos derivarem-se as formas dos adjetivos, encontramos aqui diante do mesmo fato contraditório que em (4) e (5): nossos adjetivos parecem estar no “masculino” mesmo quando não há substantivo masculino a que possamos relacioná-los. Resta, é claro, a possibilidade de que devamos simplesmente reformular nossa noção de “masculinidade” gramatical, ampliando-a de maneira a admitir nela os sujeitos do predicado de (6) e (7). De fato, esta talvez fosse uma solução razoável, se não existissem também orações como (4) e (5), onde não há sujeito algum que justifique que cheio seja chamado de “masculino” - a menos que aceitássemos incorrer em contra-sensos do tipo “Quando não houver nada com que o adjetivo possa concordar, a regra de concordância (?) determinará que o mesmo apareça no gênero masculino”.

Observando agora que o “feminino” do adjetivo aparece somente quando este está relacionado a um substantivo feminino, como

(8) A praia está cheia de crianças

e que tanto em (1) a (7) quanto em

- (9) a. Pedro é alto
- b. Este livro é interessante
- c. O ônibus está lotado

não aparece essa forma adjetiva dita “feminina”, depreende-se que alguns adjetivos têm duas formas: uma que aparece somente quando o adjetivo está relacionado a um substantivo feminino, e outra que aparece em todas as outras circunstâncias, haja ou não um substantivo a ela relacionado. Ora, se chamássemos de “masculinos” os adjetivos de (1) e (9), ficaríamos sem motivo para assim designar os de (2) a (7), que não estão relacionados a nenhum substantivo, e que teriam que se designados, talvez, de “neutros”. Teríamos então duas categorias: uma para os adjetivos “masculinos”, relacionados com substantivos do mesmo gênero, e outra para os não relacionados com substantivos. E a ambas essas supostas categorias corresponderia uma só forma. Ao aceitarmos tal solução, é claro, estaríamos perdendo uma generalização importante, a qual pode ser captada abrangendo todos os adjetivos dos exemplos (1) a (7), juntamente com os de (9), numa só categoria. Colocando de outra maneira o que acabamos de ver, podemos dizer que um adjetivo como cheio, por exemplo, tem duas formas (excluindo, por serem aqui irrelevantes, as do plural), e que, destas, uma - a variante - aparece somente sob a influência de certos substantivos, que são os “marcantes”. Em (8), por exemplo, praia “marca” o adjetivo, e surge a variante deste, ou seja, a “forma marcada”. A forma “não marcada” de cheio, então, é cheio mesmo, e ela aparecerá sempre que este adjetivo não estiver relacionado a um substantivo marcante. Nos exemplos (2) a (7), os adjetivos não estão relacionados a substantivo algum; portanto, eles não são marcados. Em (1) e em (9), embora haja substantivos relacionados aos adjetivos, eles não são do grupo dos marcantes; também aqui, então, aparecem as formas adjetivas não marcadas.

Resumindo, não há substantivo marcante que afete nenhum dos adjetivos em orações como:

- (10) a. O chão está limpo
- b. Aqui é bom
- c. O bolo está queimado
- d. Está frio nesta sala
- e. É bom que pensem nisso
- f. Demorava para isto ficar bom
- g. Comeremos uma peixada seria ótimo
- h. Este cara é chatíssimo

Isto é, em (10.b,d,e,f,g), não há substantivo relacionado a adjetivo, e em (10.a,c,h) o substantivo não pertence à categoria dos marcantes. Em todas estas orações, e em todos os exemplos anteriores menos (8), o adjetivo aparece em sua forma básica. Por conseguinte, não há motivo para insistirmos em usar, na gramática do português, o termo “masculino”. Os adjetivos de (10) e dos exemplos semelhantes anteriores têm a forma que têm por não estarem relacionados a substantivo marcante, e não por possuírem “gênero”. E se estas considerações nos dissuadem de empregar o termo genérico “masculino” para designar cheio, alto, bom, etc., que motivo resta para designarmos “femininos” os adjetivos de (8) e de

- (11) a. Maria é alta
- b. Essa cadeira está quebrada
- c. Sua tia é linda

onde simplesmente aparecem, por força dos substantivos marcantes, as formas marcadas de alto, quebrado e lindo? O termo “feminino”, de significação tão francamente polar, faz sentido somente quando oposto a seu contrário, “masculino”, e este, vimos já, não tem justificativa numa gramática da língua portuguesa.

No lugar de “gênero”, então, fica o conceito de adjetivos marcados ou não marcados. Os marcados correspondem aos “femininos” da gramática escolar, e aparecem somente quando o adjetivo está relacionado a um substantivo marcante. Os não marcados aparecem EM TODAS AS OUTRAS CIRCUNSTÂNCIAS, haja ou não um substantivo a eles relacionado. É este último fato que determina que o assunto não seja uma mera questiúncula terminológica, pois as conclusões dele decorrentes transformam dum modo essencial nossa maneira de encarar a categorização dos substantivos e o fenômeno da concordância adjetiva.